

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**EMANUELLY SILVA**

**"*A gente acostuma os olhos*": como os pescadores artesanais de tarrafa reconhecem os botos da Barra e percebem as paisagens no estuário do Rio Tramandaí**

**Porto Alegre, inverno 2019**

**EMANUELLY SILVA**

**"A gente acostuma os olhos": como os pescadores artesanais de tarrafa reconhecem os botos da Barra e percebem as paisagens na Barra do Rio Tramandaí**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientação: Prof. Dr. Ignacio Benites Moreno

Co-orientação: Prof. Dr. Olavo Carvalho Marques

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lorena Cândido Fleury

---

Prof. Dr. Alexandre Schiavetti

## **Agradecimentos**

Eu acredito que a vida se constrói nas sortes e nos encontros ao longo do caminho. Então, primeiramente agradeço às sortes que facilitam a caminhada e aos encontros que me transformam. Agradeço aos seres que deixam um pouco de si em mim, às trocas que ensinam e a tudo que faz sentir.

Agradeço a ela, fonte de boa parte do apoio e da força que recebo diariamente.

Fonte de amor e de uma amizade que me constrói e desconstrói todos os dias. Conviver contigo é um prazer Cakinho, o trabalho sobre “amizade de golfinhos” saiu, mesmo no desgoverno de bostonada. Sinal de que seremos luta e resistência nesse e em qualquer outro cenário. Te amo, obrigada por ser tanto e por ser comigo.

Agradeço a minha mãe, fonte inesgotável de força e para mim a representação fidedigna da mulher que busco ser: dona de si. Obrigada por me criar “para o mundo” e assim facilitar que eu me apaixone diariamente por ele.

Agradeço a Giu, por tanto cuidado, tanto carinho e por viver comigo os dilemas, os desafios e os regozijos da graduação. Te amo miga.

Agradeço imensamente ao Flávio, um presente que o universo plantou nesse espaço, nesse tempo. Agradeço pelo auxílio desmedido nas reflexões, na bibliografia, nas longas conversas com café de padaria. Foi uma honra, obrigada sempre.

Agradeço imensamente ao Ignacio, sempre tão sensível e solícito a todas as minhas demandas, meus prazos, minhas inseguranças. Iggy, tu és uma pessoa fabulosa e o Projeto Botos da Barra é uma joia preciosa cheia de possibilidades. Muito obrigada por colaborar para que eu pudesse viver tudo isso.

Agradeço a Cami, por todas as horas que sentou comigo me explicando sobre etnografia e outros métodos das ciências humanas. É muito bom caminhar contigo, amo você.

Agradeço a todas as minhas amigas preciosas, as de Floripa, as da

Bahia, as que estão na Austrália, na África ou em Porto Alegre. Elas que tanto me inspiram, me ensinam sobre amor e cuidado e fazem a vida ser mais gostosa. Só mulheres incríveis nesse meu entorno, mostrando que o mundo é nosso e estamos lutando para que todas tenham as mesmas possibilidades de acesso e ascensão.

Agradeço imensamente a UFRGS e a PRAE por possibilitarem que alunas e alunos de baixa renda se formem em universidades públicas, com ensino digno e de qualidade, nesse país.

Agradeço imensamente ao Projeto Botos da Barra pelo acolhimento no grupo e por terem feito dessa experiência o melhor que ela poderia ser. Obrigada em especial à Lica pelas imagens e pelo auxílio maravilhoso na construção do mapa deste trabalho. E obrigada a Nati, Gui e Lipe pelas cobertas emprestadas, caronas e todo o apoio logístico ao longo dos campos no Litoral Norte. Vocês têm um espaço quentinho no meu peito.

Um obrigada muito especial ao Márcio Borges Martins que me ensinou sobre ética na ciência, construiu muito da minha visão sobre o que é ser uma boa profissional e sempre me auxiliou e acrescentou tanto. Ser tua orientada, quase ao longo da graduação inteira, foi uma fonte interminável de aprendizados. Um gigantesco muito obrigada a toda a Herpeto, em especial a Mi, Thay e Mila por tornarem esse espaço minha referência do que é fazer parte de um grupo de estudos coeso e coletivo, em que a empatia e a ajuda ao próximo imperam. Obrigada pelos campos maravilhosos.

E o meu obrigada mais profundo vai para os pescadores artesanais da Barra, que tanto me ensinaram com suas bagagens de conhecimentos e histórias. Só desejo que eu tenha conseguido trazer elementos para mensurar a relação tão bonita da pesca cooperativa.

Por fim, desejo força e luta a todos e todas que prezam por um país justo, com valorização das pessoas, das diferentes formas de conhecimento, da biodiversidade e da diversidade humana.

**ELE NÃO. ELE NUNCA.**

## Resumo

Paisagem é um conceito amplo que busca descrever leituras sobre os espaços, na busca por um entendimento mais integral do mundo que nos cerca. Estudos das relações entre pessoas e natureza atuam como instrumentos de compreensão das afetividades e percepções que envolvem complexas teias de relações, o que possibilita atravessar o limiar entre humanos e não humanos para pensarmos numa unidade dinâmica a partir de ambos. As percepções das paisagens remetem a três fundamentos principais: *o ponto de vista*; *a parte* e *o conjunto*, onde esses elementos unidos possibilitam que a paisagem narrada “fale a quem assiste-a”. No sul do Brasil um formato peculiar de interação entre animais humanos e não humanos ocorre: a pesca cooperativa. Pesca ritualizada e tradicional que consagra a Barra de Tramandaí, na costa do Rio Grande do Sul, como uma das duas localidades mundiais onde sistematicamente essa prática acontece. Botos do gênero *Tursiops* e pescadores artesanais de tarrafa cooperam na pesca da tainha (*Mugil liza*). O boto exerce um movimento característico com a cabeça, e sinaliza o momento apropriado para o pescador jogar sua tarrafa na água, otimizando a atividade de pesca e a energia despendida por ambos. A relação estabelecida entre homem e animal é composta por um forte grau de reconhecimento, quando estes pescadores dão nomes aos botos ainda filhotes - o nome mantém-se o mesmo ao longo da vida do animal, e é através dele que os pescadores se referem aos botos, quando os reconhecem individualmente no estuário da Barra. A área de estudo localiza-se na Barra do Rio Tramandaí, um estuário no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. As considerações metodológicas foram traçadas aproximando-se consideravelmente do campo antropológico, que utiliza metodologia consistente para entender as manifestações culturais presentes nas sociedades estudadas. Através da observação participante, buscamos nos inserir na comunidade dos pescadores artesanais, membros da pesca cooperativa, para compreendermos como eles reconhecem a paisagem a que estão inseridos, e como individualizam os botos da Barra, reconhecendo-os. Aplicamos um questionário aberto e semiestruturado, e através de métodos qualitativos, analisamos os resultados obtidos. A paisagem é lida por estes trabalhadores a partir de experiências portadoras de significados, que repercutem em toda a visão de cada

pescador sobre a paisagem que ele pratica e sobre as afetividades que esse espaço desperta. Além disso, o reconhecimento dos botos pelos pescadores artesanais se dá através da convivência diária dos trabalhadores com os animais, quando a partir de um olhar cotidiano eles conseguem traçar “jeitos” e personalidades que distinguem cada um dos botos da Barra entre si. Toda a percepção descrita é construída sobre forte influência do conhecimento dito tradicional, além do conhecimento desempenhado por cada pescador nas suas percepções próprias da paisagem e sua relação particular com os botos.

**Palavras chave:** pesca cooperativa - paisagem - reconhecimento individual - botos - pescadores artesanais

## **Abstract**

Landscape is a broad concept which aims to describe readings concerning spaces, in the search for a more integral understanding of the world that surrounds us. Studies regarding relations between people and nature act as instruments of comprehension of affectivity and perceptions that involve a network of relations, which allows us to cross the threshold between humans and non-humans to think about a dynamic unity from both ones. The perceptions concerning landscapes refer to three principal fundamentals: the *point of view*, the *part* and the *whole/set*, where these elements together enable the landscape narrated “to talk to who watch it”. In southern Brazil takes place a peculiar interaction between humans and non-humans animals: the cooperative fishing. Ritualized and traditional fishing that establishes Barra do Rio Tramandaí, in Rio Grande do Sul, as one of the two world localities where this practice exists. Porpoises belonging to the genus *Tursiops* and cast net artisanal fishermen collaborate on the mullet (*Mugil liza*) fishing. The porpoise executes a characteristic movement with its head and signalizes the appropriate moment for the thrown of the cast net by the fisherman in the water, optimizing the fishing activity and the energy expended by both. The relation established between man and animal is composed by a strong degree of recognition, when these fishermen give names to the porpoises when they are still pups – the name is maintained during the life of the animal, and through it the fishermen refer to the porpoises when they recognize them individually at the estuary of Barra. The study area is located in Barra do Rio Tramandaí, an estuary at the North Coast of Rio Grande do Sul. The methodological considerations were outlined approximating considerably to the anthropological field, which uses a consistent methodology to understand the cultural manifestations present in the societies studied. Through participant observation, we aimed to insert ourselves in the artisanal fisherman community, members of the cooperative fishing, to understand how they recognize the landscape in which they are inserted, and how they individualize the Barra's porpoises, consequently recognizing them. We applied an open and semistructured questionnaire and, through qualitative methods, we analyze the results obtained. The landscape is read by these workers from

significance bearer experiences, which impact on the whole vision of each fisherman about the landscape in which he practices and the affectivities that this space arouses. Furthermore, the recognition of the porpoises by the fisherman takes place through the daily interaction of the workers with the animals, in which, from a routine look, they can trace "manners" and personalities that distinguish each porpoise of the Barra. All this perception is described and built under a strong influence of the so-called tradition knowledge, as well as the knowledge played by each fisherman on his perceptions of the landscape and his particular relationship with the porpoises.

**Keywords:** cooperative fishing – landscape – individual recognition – porpoises  
– artisanal fisherman



**Prefácio**

O presente estudo se constrói sobre bases que buscam a valorização de diferentes formas de leitura e reconhecimento para as paisagens co-existenciais (ABREU, 2016). Sendo assim, navegaremos por distintas áreas do conhecimento, apresentando elementos da pesquisa antropológica, conceitos e sistematizações biológicas, além de pinceladas da geografia, da sociologia e da união de todas essas áreas. Para tanto, convidamos o leitor a trabalhar com a transdisciplinaridade na leitura do trabalho, pois optamos por essa dinâmica ao descrever os fenômenos.

## Sumário

<b><u>1.</u> INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 O ponto de vista: pesca cooperativa.....	13
1.2 A parte: pescadores e botos .....	14
1.3 O conjunto: conhecimento tradicional e valorização dos saberes .....	16
<b><u>2.</u> MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>19</b>
2.1 Área de estudo .....	19
2.2 Delineamento metodológico .....	22
<b><u>3.</u> RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
3.1 O ponto de vista - Pesca cooperativa .....	26
3.1.1 “Eu nasci nas dunas” .....	28
3.1.2 Sobre mudanças na dinâmica de pesca: .....	32
3.2 A parte - pescadores e botos .....	35
3.2.1 “Só no respirar o cara sabe, ó, lá vem o Coquinho!” .....	35
3.2.2 Sobre os botos que já faleceram .....	39
3.2.2 “Coquinho tem tudo pra ser fêmea” .....	43
3.3 O conjunto - Conhecimento tradicional .....	44
<b><u>4.</u> REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>47</b>
<b><u>5.</u> MATERIAIS ANEXOS:.....</b>	<b>53</b>



**Foto: Rodrigo Baleia - *in memoriam***

*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram ao Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - me ajuda a olhar. ”*

*Eduardo Galeano*

## 1. INTRODUÇÃO

Enquanto unidade que historicamente dialoga com a ideia geográfica de espaço, território ou região, paisagem é um conceito que vem despertando novas ênfases (CABRAL, 2000). Na busca por um entendimento mais integral do que nos cerca, os estudos das relações entre pessoas e natureza atuam como instrumento de compreensão das afetividades e percepções que envolvem essa teia de relações e possibilitam atravessar o limiar entre um e outro para pensarmos em uma unidade dinâmica a partir de ambos (YI-FU, TUAN 1982). Segundo Certeau (1994) a paisagem pode ser entendida como as ações materiais e imateriais e, ainda, as agências humanas e não humanas que constituem as experiências praticadas (SILVEIRA, 2016). Trata-se, como defende Ferreira (1989) de “uma porção do espaço apreendida com o olhar”. Porém, esse olhar não absorve apenas o que enxerga de fato, ele atribui significados ao que vê, ou seja, a paisagem vivenciada é também engendrada por aquele que observa (RONAI, 1976).

De acordo com Collot (1990) as percepções de paisagem remetem a três fundamentos principais: o *ponto de vista* - onde o sujeito observador detém uma interioridade em relação ao que vê, não se separando do observado quando experiencia o que observa e é diretamente atravessado por tal fenômeno. Em consequente, o elemento da *parte* traz o sentido de que o espaço observado é um fragmento de um todo maior, de um entrelaçamento de significados, e que as observações feitas pelo pesquisador não são restritas ao espaço em si, mas tomadas por suas experiências diretas - seu olhar particular sobre a paisagem -; e experiências indiretas - formas de transmissão simbólica, por exemplo - onde estas, se somam. E, por fim, a ideia de *conjunto* onde, nas palavras do autor, a paisagem “fala a quem olha”, pois atua como um simbolismo estético na medida em que cada indivíduo a assiste com um conjunto específico de aparatos que lhe chama atenção. É importante ressaltar que paisagem excede o corpo e o olhar do observador, na medida em que ela é intrínseca a tudo que lhe compõe, a tudo que o atravessa de alguma forma, como sons, vento, limites espaciais e interações com os outros.

A partir do narrado pretendemos aqui apresentar as agências que

compõem as paisagens de nosso estudo propondo que ocupem os três fundamentos anteriormente citados, sendo a pesca cooperativa ocupante do ponto de vista, os pescadores artesanais, os botos da Barra e toda a atípica relação que abarca estes atores atuem como a parte, e o conhecimento tradicional ocupe o último fundamento, o de conjunto. Obviamente é preciso entender que categorizá-los de forma isolada é impossível, uma vez que, todos conversam entre si e propõem, justamente, uma análise das relações que se agregam num cenário singular.

### **1.1 O ponto de vista: pesca cooperativa**

A pesca é uma das mais antigas artes de caça desenvolvidas pela espécie humana (PEREIRA, 2002). Suas categorias e especificidades podem ser encontradas junto aos periódicos da FAO<sup>1</sup>, porém, o presente trabalho visa adentrar em uma categoria específica de pescaria, a pesca de subsistência, dita artesanal. A pesca artesanal tem, a partir do esforço de trabalho, o alimento para consumo próprio, o que elucida o importante papel social da atividade (HARAYASHIKI et al., 2011; LOPES, 2014). Além do consumo, a venda do produto da pesca é prática comum entre pescadores artesanais. Pequenos volumes de pescado, preços mais baixos e justos e acesso fácil do consumidor a uma mercadoria fresca tornam esta uma prática de comércio local sustentável e bastante atrativo (MEDEIROS, 2001).

No sul do Brasil duas regiões apresentam peculiaridades quanto ao formato de pesca e interação entre animais: junto ao Oceano Atlântico a relação composta por golfinhos do gênero *Tursiops* e pescadores artesanais de tarrafa pauta a chamada pesca cooperativa. (SIMÕES-LOPES et al., 1998; ILHA et al., 2018). Pesca ritualizada e tradicional consagra a Barra do Rio Tramandaí, localizada entre os municípios de Imbé e Tramandaí no Rio Grande do Sul, como uma das localidades mundiais onde sistematicamente essa prática acontece. No município de Laguna, em Santa Catarina, um formato semelhante de pesca intercorre, porém, cada estuário apresenta singularidades e relações próprias entre os sujeitos que a compõe (TABAJARA, 1992; SIMÕES-LOPES et al., 1998; PETERSON et al., 2008; GIACOMO, 2010; ILHA et al., 2018). No

---

<sup>1</sup> Food and Agriculture Organization of the United Nations.

presente trabalho abordaremos a pesca cooperativa realizada por botos e pescadores artesanais de tarrafa na Barra do Rio Tramandaí.

Os botos - aqui chamados dessa forma pois é como são popularmente conhecidos pela comunidade litorânea da região - adentram o canal da Barra e perseguem os cardumes de tainhas, encurralando-os próximo aos pescadores (SIMÕES-LOPES, 1991; PRYOR et al., 1990; ILHA et al., 2018). A partir da percepção dos botos no Canal da Barra, os pescadores se aproximam dos mesmos e iniciam a atividade de pesca (SIMÕES-LOPES, 1991; CAMARGO, 2014). O boto exerce um movimento característico com a cabeça, o que sinaliza o momento apropriado para a jogada da rede na água. Assim, ao jogar sua tarrafa o pescador apreende o cardume de tainhas (SIMÕES-LOPES et al. 1998). Com a batida da rede na água, algumas tainhas se desorientam do cardume, o que possibilita ao mamífero marinho se alimentar dos peixes (SIMÕES-LOPES, 1991). Logo, aliar-se ao pescador torna mais fácil a aquisição do alimento para o boto. Para o pescador a localização espacial do cardume de tainhas é revelado pelo animal, bem como o momento ideal de lançar a tarrafa na água, otimizando a pesca e a energia despendida por ambos. (SIMÕESLOPES, 1991; CAMARGO, 2014).

A partir do retrato proposto, a pesca cooperativa singulariza a relação estabelecida entre homem e animal, quando experiências culturais atravessam gerações (MARQUES, 2017) e culminam por beneficiar ambos os envolvidos, em uma parceria eficiente de pesca da tainha, *Mugil liza*. Além disso, as sociabilidades, territorialidades e memórias dos pescadores artesanais, estes reconhecidos como comunidades tradicionais (MARQUES, 2017; DIEGUES, 2000), ilustram o quão rico se mostra a relação cooperativa proposta e o ambiente onde ela acontece.

## **1.2 A parte: pescadores e botos**

Os golfinhos (Odontoceti: Delphinidae) manifestam vasta capacidade cognitiva e de aprendizagem social (RENDELL & WHITEHEAD, 2001). Estes animais são comumente vistos desempenhando comportamentos de brincadeira, traçando estratégias de forrageio específicas aos estuários a que estão inseridos e difundindo suas experiências sociais através da observação

dos membros do grupo onde, nos primeiros anos de vida, essa via de passagem geracional é protagonizada principalmente pela transmissão materna. A aquisição de tais habilidades pode auxiliar os golfinhos a desenvolver agilidade motora, promover o reconhecimento parental e flexibilizar a gama de comportamentos executáveis (SPINELLI, 2008; SIMÕES- LOPES et al., 1998; MANN & SARGEANT, 2003; SARGEANT et al., 2005; SERPA, 2019).

Golfinhos do gênero *Tursiops* apresentam alta plasticidade comportamental e desenvolvem-se sob fortes interações inter e intraespecíficas, o que os caracteriza como animais sociais (CONNOR et al. 2000). Cultura, comportamento e interações sociais são esferas intimamente relacionadas para estes animais, uma vez que as interações sociais são agentes de perpetuação de comportamentos e consequente transmissão cultural ao longo das gerações (LALAND & GALEF, 2009; SERPA, 2019). Tais aspectos podem fidelizar golfinhos a regiões com boa disponibilidade de presas e forrageio otimizado, associados a espaços seguros para exercer cuidado parental e ensinar seus filhotes a caçar e se desenvolver (GUINET, 1991; HOELZEL, 1991; ROSSBACH & HERZING, 1997; CONNOR et al., 2000).

No estuário do Rio Tramandaí, uma população residente de botos utiliza a área para descansar, ensinar sua prole a forragear e estabelecer cooperação com os pescadores artesanais na busca conjunta pelos cardumes de peixes. Esses animais podem ser considerados fidelizados ao estuário (GIACOMO & OTT, 2017; SANTOS, 2016) pois são rotineiramente vistos no mesmo, e sua presença é marcada na região há pelo menos sessenta anos, período equivalente ao histórico dos relatos de cooperação entre botos e pescadores. É digno de nota que os golfinhos entram espontaneamente no estuário da Barra (TABAJARA, 1992). Em estudo recente, Wickert (2016) reconheceu, através de dados morfológicos, duas linhagens de cetáceos do gênero *Tursiops* ocorrendo no Atlântico Sul Ocidental: uma categorizada como *Tursiops truncatus* e, a revalidada através de seu estudo, *Tursiops gephyreus* Lahile, 1908. Os botos da Barra fazem parte do segundo táxon, reconhecido por habitar as águas costeiras do Sul do Brasil, da Argentina e do Uruguai (WICKERT, 2016).

Quem narra como se dão as relações boto-pescador presentes na Barra

do Rio Tramandaí são os pescadores artesanais de tarrafa, e toda a paisagem a que eles estão inseridos já que uma paisagem pode ser lida. Os trabalhadores vivem no Litoral Norte do estado e estabelecem essa parceria de caça com os botos como uma forma de obtenção de alimento, além de seu sustento próprio e de suas famílias, pois os peixes que não são consumidos, são vendidos. Além disso, a pesca também gera renda a esses trabalhadores quando os apetrechos de pescaria, como tarrafas e outros instrumentos, são produzidos ou consertados por eles. Ou seja, a pesca cooperativa é de grande importância histórica, econômica e sociocultural na região (ZAPPES et al., 2011; CAMARGO, 2014; SANTOS, 2016).

De acordo com dados do CEPSUL<sup>2</sup> (2007) mais de nove mil famílias dependem da pesca artesanal na planície costeira do Rio Grande do Sul. Todavia, esse formato de pescaria com os botos corre sérios riscos de extinção, uma vez que, o pescador artesanal é figura desvalorizada na sociedade. Além disso, o colapso ambiental assola os organismos aquáticos e diminui drasticamente os volumes disponíveis de pescado (ILHA, 2018). A ausência de políticas públicas que olhem por esses trabalhadores e entendam suas demandas também negligencia a realidade da classe (CAMARGO, 2014), especialmente quando se pensa em pescadores profissionais, portanto, legalizados.

### **1.3 O conjunto: conhecimento tradicional e valorização dos saberes**

O conhecimento ecológico tradicional - TEK *Traditional ecological knowledge* - simboliza uma estrada tráfegada por experiências, observações e difusão de aprendizado ao longo das gerações. Tal representação é composta pelo ser humano e o mundo natural (DREW, 2005) ou melhor, pela paisagem que abarca essa teia de relações. Acessar as interações ambientais que compõem a urbe, através da narrativa de seus atores, possibilita a assimilação profunda da realidade de comunidades e grupos tradicionais, além de possivelmente promover a construção conjunta de estratégias de conservação para áreas degradadas, ou animais em risco. Sendo assim, a valorização do conhecimento tradicional viabiliza atenuar diferenças e solidarizar saberes

---

<sup>2</sup> Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul



(SANTOS, 2005).

Os pescadores artesanais da Barra do Rio Tramandaí dispõem de um alto nível de acuracidade quando observados e questionados sobre os botos da Barra (ILHA, 2018). Os botos são particularmente nomeados por esses trabalhadores. Segundo busca bibliográfica da autora, tal prática - nomear individualmente animais silvestres, nunca foi registrada em outras localidades além de Tramandaí e Laguna - o que indica imensa individuação desses animais (CATÃO & BARBOSA, 2018). A tradicionalidade na manutenção de uso desses nomes ao longo dos anos está atrelada ao fato de os profissionais da pesca reconhecerem os botos individualmente. A partir de sua entrada no Canal da Barra os pescadores são capazes de inferir qual golfinho está chegando, se é Geraldona, Coquinho, Rubinha, ou outros dos oito animais fidelizados ao estuário (SANTOS, 2016). As personalidades dos golfinhos, seus momentos de brincadeira, bem como os de “trabalho”, também são observados pelos pescadores em uma expressão de vasta sensibilidade. Os pescadores da Barra conhecem os graus de parentesco entre os botos e, para além disso, mostram uma percepção ambiental sutil no que tange às questões climáticas ideais à pesca - como ciclos das marés, direção e intensidade dos ventos, turbidez da água e temperatura - o que entendemos evidenciar a riqueza do hábito e do empirismo na observação dos meios naturais.

O estreitamento de laço entre Universidade e Sociedade auxilia na difusão de informações entre os dois meios, em uma via que pode se retroalimentar. A união do conhecimento técnico-teórico às culturalidades empíricas, adquiridas muitas vezes através de passagem geracional dentro dos coletivos humanos, tende a beneficiar sistemas biológicos, sociais e econômicos. A partir desse viés o Projeto Botos da Barra, realizado pelo Centro de Estudos Limnológicos e Costeiros do Campus Litoral Norte (CECLIMAR/UFRGS LITORAL) vem desenvolvendo um trabalho de aproximação e troca com os pescadores artesanais, com o intuito de percorrer o caminho da valorização dos profissionais do setor primário, na busca por entender, difundir e valorizar a prática singular da pesca cooperativa em todos os seus aspectos, uma vez que, trabalhar e aprender conjuntamente é uma forma de combater desigualdades sociais e valorizar grupos historicamente

desconsiderados (BRASIL, 2012).

A partir do exposto, o presente trabalho visa apurar de que formas os pescadores artesanais da Barra reconhecem individualmente os botos que cooperam na pesca. Traçar quais são os instrumentos utilizados, sejam eles caracteres morfológicos e/ou comportamentais, as particularidades dos animais e, ainda, como os profissionais da pesca estipulam as relações genealógicas entre os botos.

Os questionamentos que orientaram nossas ações navegam pela riqueza da relação cooperativa presente na Barra do Rio Tramandaí; a importância de construir um legado histórico deste conhecimento tradicional; a necessidade de valorização dos profissionais da pesca, bem como dos saberes e fazeres que envolvem a prática; além da vontade de perpetuação da pesca cooperativa, com devido respeito e apreço aos três atores que a compõe: pescadores, botos e tainhas.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1 Área de estudo

A costa do Rio Grande do Sul, ao longo dos seus 620 km de extensão, tem sua continuidade interrompida apenas na Lagoa dos Patos e no Estuário do Rio Tramandaí (S. R. DILLEMBURG et. al, 2005). O litoral do estado conta com o encontro de duas correntes marítimas: a Corrente das Malvinas, de origem subantártica e rica em nutrientes, e a Corrente do Brasil, de origem equatorial e que se desloca ao sul nos meses mais quentes (SEELIGER et al., 1998; PIOLA & MATANO, 2011). As duas correntes, aliadas ao desague do Rio da Prata e da Lagoa dos Patos, tornam a região costeira Rio Grande do Sul uma importante zona de alimentação para animais marinhos, uma vez que, a área apresenta alta disponibilidade de matéria orgânica (HAIMOVICI et. al, 2006). Zonas de alimentação são frequentadas por uma vasta gama de animais, o que pode ser evidenciado pelos registros de ocorrência de fauna marinha no estado, onde trinta e cinco das quarenta e quatro espécies de cetáceos que ocorrem na costa brasileira, por exemplo, já foram avistadas nas águas do estado (WICKERT et al., 2016; WÜRDIG & FREITAS, 2009; GEMARS<sup>3</sup> dados não publicados). O clima no sul do Brasil é subtropical, caracterizado por estações definidas, com verões quentes e invernos frios, além de chuvas bem distribuídas ao longo do ano (OLIC et. al, 2012).

As nascentes da Bacia do Rio Tramandaí são formadas a partir dos rios Três Forquilhas e Maquiné (CASTRO & MELLO 2013). Estuários são regiões de transição entre ambientes dulcícolas e marinhos, sendo considerados ecossistemas com vasta biodiversidade, além de importantes áreas de alimentação, reprodução e desenvolvimento de inúmeras espécies (WÜRDIG & FREITAS, 2009). O estuário do Rio Tramandaí faz parte do complexo lagunar Tramandaí-Armazém, sob as coordenadas 29°58' S; 50°07' W. A Barra do Rio Tramandaí é por onde o estuário desemboca no mar, e ponto no qual os municípios de Imbé e Tramandaí são divididos, sendo a margem norte pertencente a Imbé e a margem sul pertencente a Tramandaí, como elucidada o

---

<sup>3</sup> Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul.

mapa seguinte:

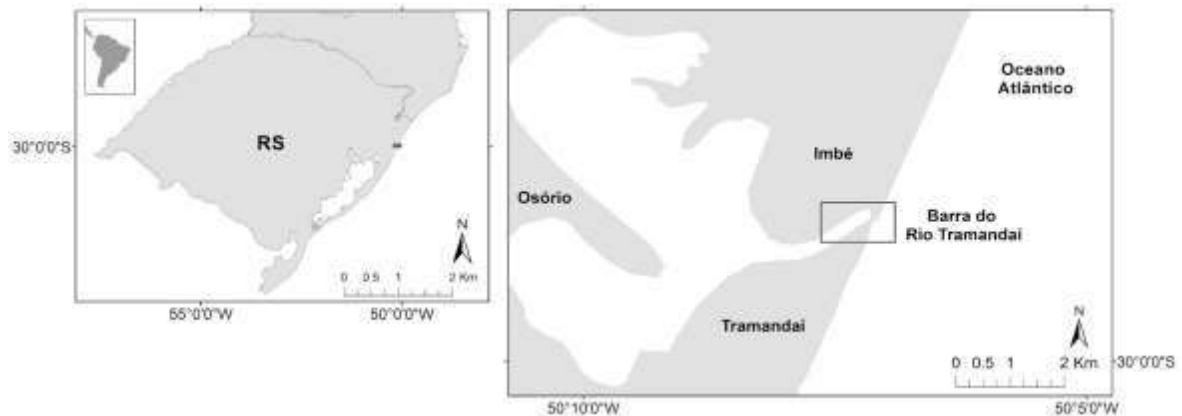


Figura 1 - a área de estudo localiza-se no Rio Grande do Sul, Brasil. A Barra do Rio Tramandaí desemboca junto ao Oceano Atlântico e divide os municípios de Tramandaí (margem sul) e Imbé (margem norte).

A largura do Canal da Barra varia de 1,5 a 2,9 quilômetros (SILVA et al., 2016). Nas margens do município de Imbé diversas edificações, como restaurantes e quiosques, são observadas junto a Barra, o que traz uma estética urbana à paisagem. Já a margem de Tramandaí ainda mantém mais elementos de seu aspecto natural, sendo composta por dunas, vegetação e o encontro das águas salobras com a areia, em um cenário com arquitetura menos antropizada e onde os pescadores de tarrafa se concentram, predominantemente, para pescar com os botos. Além dos atores já citados temos os transeuntes que participam, também, da paisagem local, como: turistas, amigos e familiares dos pescadores, pescadores amadores que nos finais de semana e feriados pescam na Barra, surfistas e outros praticantes de esportes aquáticos, além dos banhistas e veranistas nas estações mais quentes. Todos esses sujeitos interagem entre si e com o ambiente, pois nessa margem a proximidade entre eles é maior, o que possibilita uma visão ampliada da paisagem e suas agências nela. Portanto, é nessa margem que nosso trabalho se centraliza.



Figura 2: margem sul da Barra do Rio Tramandaí, no município de Tramandaí - RS. Paisagem menos antropizada ainda mantém alguns aspectos naturais. Foto: Elisa Ilha



Figura 3: margem norte da Barra do Rio Tramandaí, no município de Imbé- RS arquitetura edificada caracteriza o espaço. Foto: Elisa Ilha

## 2.2 Delineamento metodológico

Antes de descrever as metodologias empregadas no trato com os participantes desta pesquisa, é essencial salientar que a consolidada relação entre o Projeto Botos da Barra e os pescadores artesanais foi um elemento importante que possibilitou a minha entrada na Barra como pesquisadora, e mais especificamente junto à comunidade da pesca cooperativa. A familiaridade estabelecida há mais de vinte anos entre os pescadores de tarrafa e o coordenador do projeto, e orientador deste trabalho, bem como com outros integrantes do grupo, estreitou laços de confiança e permitiu a abertura de portas para iniciar nossos estudos.

Na busca por um entendimento ampliado das formas com que a socio-biodiversidade dialoga com a paisagem, a presente investigação conta com o método de análise qualitativa para suas reflexões. Enquanto algumas correntes científicas buscam a imparcialidade e a objetividade nos seus resultados, a pesquisa qualitativa busca contemplar as especificidades presentes nos objetos de estudo (no caso desta pesquisa, os coletivos de pescadores da Barra) dando atenção às maneiras como compreendem as paisagens a partir de representações simbólicas, portanto, de fatores que nem sempre permitem ser quantitativamente mensurados.

Entender as entrelinhas dos fenômenos estudados e a riqueza das interações relacionais, faz oposição ao pressuposto que defende um modelo único de investigação para todas as ciências. Os métodos qualitativos não se preocupam com a submissão à prova dos fatos, pois os dados analisados não são métricos, nem possibilitam a aquisição de respostas homogêneas, uma vez que, constituem-se justamente da pluralidade de seus narradores inseridos em contextos sociais próprios. Segundo Minayo (2001) esse método de estudo trabalha com significados, histórias e percepções, através da obtenção de dados descritivos, o que corresponde a uma análise mais profunda e integral dos fatos. A pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos da experiência para apreender a totalidade do contexto daqueles que o estão vivenciando (POLIT, BECKER & HUNGLER 2004; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009; CABRAL, 2000; ILHA, 2016).

Nossos estudos aproximaram-se muito do campo antropológico, o qual utiliza métodos consistentes para conhecer e entender manifestações culturais presentes nas sociedades. Tais métodos dispõem de ferramentas específicas de caráter etnográfico, onde esse engloba técnicas de recolhimento de dados como a observação participante, a entrevista aberta/semiestruturada, as conversas informais com e entre os membros do universo investigado e, ainda, a manutenção de uma caderneta de campo onde as informações relevantes são anotadas. (VELHO, 1978).

Malinowski (1978) foi o sistematizador da abordagem de pesquisa etnográfica e pontuou que somente através da observação participante, obtida na imersão no cotidiano de uma outra cultura, o pesquisador seria capaz de chegar próximo de compreendê-la. Ainda, segundo o autor, as informações obtidas pelo pesquisador através desse formato de observação são “altamente dúbias e complexas, não estando materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos” (MALINOWSKI, 1922). O apontamento proposto pelo autor dialoga com proximidade com o que nos propusemos no presente estudo quando ao observarmos o cotidiano da e na Barra observamos, concomitantemente, aspectos das trajetórias de vida dos pescadores artesanais onde essas, quando entendidas como suas socializações, individualizam seus olhares sobre a paisagem, suas formas de interação com animais não humanos e como se constroem as dinâmicas de pesca a partir delas.

Com o intuito de compreendermos como se engendram as relações presentes na Barra, visitamos o espaço semanalmente durante três meses - abril, maio e junho do presente ano. Nossas visitas foram conduzidas por conversas informais com os pescadores, onde todos os dados presentes nelas abasteceram um diário de campo. Ao todo, somamos cerca de oitenta horas entre conversas e observações junto à comunidade pesqueira. A análise inicial tratou-se de observar as práticas da pesca à distância e de forma discreta, numa tentativa de não intervir na movimentação dos seus atores, e como se davam as relações ali presentes.

A busca que nos empenhamos foi a de observar toda e qualquer

comunicação entre os profissionais da pesca, ou entre eles e os botos da Barra; frases ditas, relações de amizade, relações na venda dos peixes, especificidades dos apetrechos de pesca, como tamanho de malha e formas corretas de jogar a tarrafa, são exemplos de tudo que foi delineado como informação relevante e registrada junto a caderneta de campo. Passadas as observações iniciais a pesquisadora concluiu que jamais seria possível traçar perguntas a esta comunidade, para uma posterior entrevista, sem antes observar e entender as singularidades do que ocorria naquele espaço social e as afetividades que abarcavam as relações construídas nele.

Após observarmos a comunidade e traçarmos questionamentos pertinentes, aplicamos um roteiro com perguntas abertas e semiestruturadas para conduzirmos os diálogos com maior fluidez junto aos pescadores. Todos os pescadores com quem conversamos são vinculados a Colônia de Pescadores Z40- alocada no município de Tramandaí. É importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas durante a temporada de pesca da tainha, época muito aguardada pelos pescadores, então - munidos de bom senso, nos adaptamos às rotinas e horários desses trabalhadores. Considerando que as conversas são facilitadas quando propostas em lugares de rememoração (ILHA, 2016), aplicamos nosso roteiro de entrevista tanto na Barra quanto na casa dos pescadores, sendo que estes espaços de encontro foram definidos diretamente pelos participantes. As entrevistas estruturadas foram realizadas com três dos quatro pescadores notoriamente destacados pela sua constância e tempo de pesca com os botos. Todavia, diversos trechos de conversas e informações coletadas ao longo das nossas visitas à Barra compõem o trabalho. Os diálogos foram gravados para posterior transcrição na íntegra de seus conteúdos. Através de autorização de uso de fala e imagem proferida inicialmente nos colóquios gravados, os pescadores participantes serão apresentados nos capítulos seguintes com seus nomes próprios quando se fizer necessário.

Ao longo do andamento de nossas conversas e entrevistas não consideramos apenas o dito pelos pescadores, ou o observado por esta pesquisadora, mas as nuances presentes no todo. Os silêncios, os códigos e significados atribuídos ao fenômeno relacional da pesca cooperativa, ou mais, à



Barra do Rio Tramandaí, que em sua dinâmica apresenta um vasto arcabouço cultural, representado por pontos de vista e onde os saberes essenciais para manutenção dessa interação são passados de geração em geração entre golfinhos, entre pescadores e através de ambos.

A partir dessas premissas e novamente corroborando Velho (1978), é interessante ao observador tentar sempre manter certa distância dos “objetos” de estudo, para fazer valer a imparcialidade. Porém, cabe ressaltar que o caráter interpretativo da pesquisadora está presente em todas as análises, pois mesmo com certo distanciamento metodológico, trata-se de uma pesquisa que trabalha com subjetividades, sendo intrínseco ao fazer etnográfico. Como apontado acima, não nos propusemos a produzir uma etnografia da Barra ou da Pesca Cooperativa, mas utilizados métodos tais para propor nossos debates. Para tanto, mesmo que pautado na ética, o ponto de vista da observadora também é construído através de suas próprias interações histórico-sociais, o que não torna menos fidedigno os resultados obtidos, mas demonstra a importância de entendermos a objetividade relativa na interpretação dos mesmos a partir de um encontro entre diferenças: a da pesquisadora e as dos pescadores.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura da paisagem é despertada por atributos muito próprios ao observador que a lê (CABRAL, 2000). Nossas investigações buscam descrever leituras: do espaço, das relações, no reconhecimento dos botos, dos saberes, das afetividades presentes na paisagem. As leituras dos pescadores artesanais vão além da linguagem falada ou da imagem vista, tratam-se de um saber corporal. Eles comunicam-se com o ambiente através das suas nuances, seus detalhes, suas percepções próprias das relações naturais, mas também através das percepções coletivas - ensinadas e aprendidas - que abordaremos adiante.

Segundo Cabral (2000), a imersão do conceito de paisagem em uma definição abrangente, que navega por interpretações de áreas distintas como a Antropologia e a Geografia, pode ser compreendida como algo positivo, pois nos estimula a enxergar outros horizontes epistemológicos para as paisagens. A partir desse viés, pretendemos apresentar ao leitor os elementos que compõem a paisagem da Barra para que, entendendo as esferas desse espaço urbano, tomado por relações interespecíficas, as leituras dos pescadores artesanais sobre a paisagem sejam melhor compreendidas. Para tanto, organizamos nossos resultados de acordo com as três frentes de análise da paisagem, traçadas nos capítulos anteriores - o ponto de vista, a parte e o conjunto.

#### 3.1 O ponto de vista - Pesca cooperativa

**“Pra mim é a pesca mais linda que pode existir no mundo!” (Ayrton, in memoriam) (MARQUES, 2017)**

A Barra é habitualmente frequentada por uma gama semelhante de visitantes. Variando entre os próprios pescadores artesanais, outros pescadores amadores que durante os finais de semana povoam o espaço, alguns compradores de pescado muitas vezes já conhecidos e amigos dos pescadores e, certas vezes, as companheiras e esposas destes trabalhadores, sendo que esta última categoria foi poucas vezes observada. Além dos visitantes já citados, pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao Ceclimar e ao Campus Litoral Norte também são comumente vistos na Barra, mesmo que sempre sendo referenciados como o “pessoal do Ceclimar”.

Além dos habitantes humanos, distintos grupos não-humanos interagem com o seu entorno e com os praticantes da paisagem, são eles: diversas espécies<sup>4</sup> de aves como o biguá (*Nannopterum brasilianus*), o talha-mar (*Rynchops niger*), o savacu (*Nycticorax*), o gaivotão (*Larus dominicanus*), o pirupiru (*Haematopus palliatus*) e a garça-branca (*Egretta thula*) onde a última estabelece forte relação com os produtos da pesca, pois quando os pescadores limpam o pescado ainda na Barra, jogam partes dos peixes na água - como suas cabeças e rabos - e as garças alimentam-se dessas partes, o que as mantém sempre próximas dos pescadores. Há, ainda, registros de tartarugas marinhas avistadas pelos pescadores na Barra e que, através de sua descrição, acreditamos tratar-se da tartaruga-cabeçuda (*Caretta*), o que corrobora estudos feitos na região onde a mesma é apontada como área de constante avistagem desses animais (MONTEIRO, 2004).

A tainha (Mugilidae) é a espécie alvo da pesca na Barra. A espécie desova no mar, indivíduos juvenis e sub-adultos locomovem-se para águas costeiras e estuarinas para crescimento, alimentação e proteção, o que caracteriza-a como uma espécie catádroma (VIEIRA et al. 1991; LEMOS et al. 2014; TABAJARA, 1992) Tainhas formam extensos cardumes e estão entre as espécies de principal relevância econômica no Rio Grande do Sul, compondo um recurso histórico e culturalmente importante para os pescadores artesanais do estado (LOPES, 2014; VIEIRA, 1985). Esses animais são comumente pescados em todo o Sul do Brasil e sua pesca é diretamente influenciada por condições ambientais, sendo temperatura e salinidade as mais relevantes (VIEIRA, et al. 2008). Segundo Gilson - pescador artesanal de quarenta e cinco anos, vendedor de peixes aos finais de semana na Barra, e um dos nomes pescando com os botos desde meados dos anos oitenta - “*a tainha tem época para aparecer. Abril e maio. E junho. Mas assim ó, abril e até quinze de maio por aí*”<sup>5</sup>. Ou ainda, como nos aponta Alzemiro, pescador de quarenta e sete anos, morador de Tramandaí:

---

<sup>4</sup> Espécies identificadas pela autora

<sup>5</sup> Diálogos em *italico* representam narrações transcritas exatamente como foram proferidas.

*“É que assim ó, essas tainha tão vindo aqui agora porque foi traineira que cercou [contando sobre uma leva de tainhas grandes, com cerca de 3kg, que apareceram em grande quantidade na Barra ao longo de junho]. O que é que acontece, o cerco é uma rede. É rede de anilha, é anilhado. É umas argola, eles botam um cabo por dentro e cercam. Que acontece: eles puxam, alguma vai escapar entendeu? Às vezes estoura a rede. Aí esse peixe que vem pra costa, essa grandona grandona, é peixe que escapa deles. Daí ela já vem pra praia, ela vem pra costa, porque é peixe cansado”.*

Já, Maurino, pescador de cinquenta e três anos, pescando há mais de quarenta anos, com muitas histórias e vasta bagagem de conhecimento sobre os botos e a Barra, aponta características distintivas entre os espécimes de tainha: *“a tainha quando tem o lombo preto, geralmente é tainha de lagoa. Vindo de lagoa. As do mar são mais claras, tem o lombo claro”.* Além da tainha, outras espécies de peixe são comentadas pelos pescadores como sendo pescadas na Barra com certa frequência, como robalo (*Centropomus undecimalis*), linguado (*Paralichthys orbignyanus*) e a savelha (*Brevoortia pectinata*).

### **3.1.1 “Eu nasci nas dunas”**

A união dos elementos que constituem a paisagem da Barra do Rio Tramandaí é desenhada a partir dos olhares dos pescadores artesanais de tarrafa. Todos os sujeitos entrevistados pescam há mais de 30 anos na Barra. Todos nos contam que em média aos dez anos estavam com suas tarrafas já em mãos, tarrafeando no canal e “correndo com os botos”. Alzemiro relata: *“eu saía do colégio, largava minha pasta e vinha pro rio tarrafeiar. Vinha de tênis e tudo pra pescar. Eu aprendi sozinho”.* Entender como esses trabalhadores se apropriam da natureza; como interagem com ela e o que levam dessa interação; o que ela lhes ensina e o que eles deixam como ensinamento à ela, é a primeira

premissa que observamos e podemos relatar aqui: existe uma troca constante de saberes na Barra do Rio Tramandaí, pois como defende Cabral (2000) o sujeito que observa encontra-se envolvido pelo espaço que é apreciado a partir dele mesmo.

O *ethos* de ser pescador configura em saber jogar a tarrafa; entender a configuração ideal do corpo para uma boa tarrafada: “*tarrafear é afroxar a cintura assim, né!*”; e perceber qual o vento ideal para pesca, como aponta Maurino:

*“Uma semanada de nordestão é ruim. É bom sempre tem que entrar um vento, sabe. Dá um minuano, pode ficar uma semana/dez dias. Depois tem que entrar o nordestinho, ó, um ventinho de fora pra clarear a água. Que o leste clarea as águas, né. Fica mais três/quatro dias de leste, clarinho. Depois outro ventinho, sabe? É bom sempre fazer essas variação. Que nem agora, agora vai começar a dar minuano, tu vai dizer assim: bá que friagem. Por quê? Só minuano. Vem da Argentina aqueles Minuano, né. E frente fria, e frente fria, e frente fria”.*

Os pescadores da Barra expressam suas percepções sobre a paisagem quando inferem que se a água do canal esfria demais, só aparecerá “pinguela” - tainha magra e pequena, segundo pescadores - “*parece carne de aipim, parece não, a gente limpa a tainha, ela fica molenga*”. Portanto, apropriar-se da natureza para esses trabalhadores configura em observá-la a ponto de beneficiar-se dessa observação, traçando padrões entre os espécimes pescados, relacionando sua morfologia (corpo “molengo”) à determinadas épocas do ano, aos ventos, a temperatura do ambiente e ao quanto isso determina dias bons ou ruins para a pescaria. O ser pescador configura estar inserido nesse espaço relacional, onde o saber-fazer é recebido e transmitido através das suas vivências, suas práticas cotidianas e suas observações no dia-

a-dia. Mais do que isso, o ser pescador implica um código de ética muito presente, pois o respeito visto entre os trabalhadores se mostra, por exemplo, nas falas de Maurino que contando sobre uma tarrafa que fez artesanalmente para outro pescador, diz: “o mesmo serviço que eu fiz pro cara, é o mesmo serviço que eu faço pra mim”. Ou ainda, quando Gilson aponta como se dava o processo para iniciar-se na pesca com os botos quando ele ainda era criança:

*“Cara a gente na época não podia pescar junto com os profissionais, com menos de dezoito anos. Então eles davam a carteirinha assim, de dependente. Meu pai no tempo tinha carteira, então ele se aposentou por isso e tal. Não, minto, o meu pai é aposentado por invalidez. Mas ele sempre foi filiado a colônia de pescadores aí ele me botou como dependente. E tinha uns fiscais ali, tipo o Presalino, tipo o seu Lino, o falecido Bem-te-vi, que esse era duro mesmo, ele corria com nós, porque nós não podia tarrafejar junto. Então a gente roubava uma tarrafinha do pai de vez em quando né, e saía correndo atrás do boto. Da baliza pra trás era um deus nos acuda, quem podia mais jogava menos”.*

A baliza narrada por Gilson trata-se de um sistema que, há alguns anos atrás, foi um método de organização dos pescadores artesanais de tarrafa, quando esses encontravam-se posicionados na beira do Canal da Barra para pescar. Baseava-se em uma ordem de chegada, onde o primeiro pescador a chegar à Barra, ainda nas primeiras horas da manhã, posicionava-se na ponta da baliza. Conforme os pescadores iam chegando, a fila ia se formando. Quando o boto aparecia no horizonte, vindo a caminho do pescador para eles iniciarem a atividade de pesca, o primeiro pescador da fila tinha a prioridade de jogar sua tarrafa após a “amostrada” do boto. O segundo da fila só poderia jogar sua tarrafa após o primeiro ter jogado, e assim sucessivamente. Existia um fiscal de baliza vindo da colônia de pescadores, que se atentava ao bom funcionamento

do método organizacional de pesca.

Os trabalhos de Catão e Barbosa (2016) contam que, em Laguna (SC), os pescadores artesanais determinaram uma "fila" para indicar o lugar de cada pescador conforme sua ordem de chegada. Este sistema de ordenação permanece em vigor nos tempos atuais, sendo praticado rotineiramente pelos pescadores catarinenses (CATÃO & BARBOSA, 2016). A partir do trabalho desses autores é possível inferir que os dois sistemas são semelhantes, entre si. O que os difere é que na Barra de Tramandaí esse sistema não existe mais, pois segundo relatos dos pescadores *"pra nós não tinha como"*.

Dessa maneira, ao identificar que a ordenação dos pescadores gaúchos se desenhava de forma diferente a dos catarinenses, questionamos os pescadores interlocutores de nosso estudo, perguntando sobre uma possível hierarquia na hora de jogar a tarrafa entre os pescadores com mais experiência em relação àqueles com menos experiência. Nossa pretensão em perguntar-lhes sobre alguma ordem nas movimentações de pesca se deu pelo desejo de evidenciar, talvez, uma das grandes diferenças entre a pesca cooperativa que acontece em Tramandaí e em Laguna, onde a primeira apresenta livre disposição de seus atores, e a segunda conta com uma organização espacial<sup>6</sup>. Maurino, a seguir, relata sua experiência com a baliza e como ele enxerga que a execução da mesma, atualmente, se daria na Barra:

*"Ah, é, antigamente tinha a baliza, né. Mas só que hoje não dá pra ter baliza, né. Hoje todo mundo tem documento, né<sup>7</sup>. Daí se "ajuntam" ali quarenta/cinquenta, todo mundo tem documento né, quem não é pescador, quem é pescador. Eles vão lá pra brincar né, não é pescador profissional, é amador né. Tá sem serviço e tal, daí vai ali pegar um peixe. Só que chega lá eles pegam um peixe e já saem vendendo na frente do cara né. Sim, o*

---

<sup>6</sup> Entendemos organização espacial como as formas com que os pescadores se dispõem na paisagem.

<sup>7</sup> Referindo-se ao RGP: Registro Geral da Pesca

*cara tá sem serviço, daí vai lá um dia pega quatro tainha, no outro pega seis e no outro pega mais duas. Daí no caso dele, ele vai ser obrigado, porque o que que ele vai fazer com o peixe? Vai vender barato porque ele não sabe que preço é, né. Aí na hora que ele pegar um serviço ele já vai pro serviço dele, entendeu? E daí não vai saber o que que o pescador tá passando. Amanhã ou depois quando eles tiver com serviço, eles se levantam de manhã pegam a bicicleta o carro ou a moto e vão tudo trabalhar. E pescador vai pra lá de novo. Amanhã ou depois quando der a pesca proibida, o pescador que vai se lascar.”*

### **3.1.2 Sobre mudanças na dinâmica de pesca:**

Ao longo dos colóquios desenvolvidos com os pescadores algumas questões quanto às novas dinâmicas de pesca surgiram. Segundo nossos interlocutores, o aumento do número de pescadores frequentemente pescando na Barra, além de um também aumento no número de “filhotes criados” dos botos, é um fato que merece atenção.

*“É que antigamente quando o boto mostrava, ele [o pescador] esperava né, até ele [o boto] firmar a batida. Hoje esses botinhos acham uma tainha, ou acham dez, ou vinte que seja, um cardume né, o peixe às vezes nem chegou neles e eles já tão pulando 30/40 metros atrás do peixe, do cardume, né. Dá um pulão daí tu bota e ó tá 30/40 metros lá na frente”.*

Os pescadores explicam que “firmar a batida” trata-se do cerco do cardume feito pelo boto. Segundo eles, quando o boto encontra o cardume de peixes, ele bate com sua cabeça uma vez. O animal, então, inicia o cerco do cardume, encurralando as tainhas cada vez mais próximas à margem do Canal da Barra, já que os pescadores artesanais estão dispostos ao longo dela, sem nenhuma



embarcação e, portanto, precisam acessar essas tainhas em uma profundidade razoável. Com o cerco iniciado o boto realiza a segunda cabeçada. Quando o boto, de fato, cerca o cardume e encurrala as tainhas na posição ideal para a lançada da tarrafa, ele bate sua cabeça uma terceira vez e, segundo pescadores experientes, essa é a hora correta de jogar a tarrafa<sup>8</sup>. Essas especificidades narradas não configuram um padrão de ocorrência, pois o número de batidas de cabeça do animal pode ser superior ou inferior a três. Mas este sistema, de ele “dar a cabeçada” mais de uma vez é algo de fato atestado por todos os interlocutores que entrevistamos, como o “jeito de pescar com o boto”, esperando que ele firme a batida e, assim, o pescador dê “*tarrafadas de trinta, quarenta, tainhas*” segundo relatos. Todavia, a espera pela firmada da batida do boto não é prática comum entre todos os pescadores. Os estudos de Serpa (2019) encontraram dezesseis padrões de comportamento de forrageio dos Botos da Barra, variando entre “cabeçadas”, batidas de nadadeira caudal ou outros, e todos vinculados ao momento em que o pescador artesanal joga sua tarrafa. Porém, a autora atestou que somente em quatro dos dezesseis comportamentos desempenhados, os pescadores de fato pegam peixes em suas redes. Observamos e nos foi relatado que pescadores intimamente relacionados à pesca cooperativa leem essa peculiaridade da relação com mais atenção, esperando a batida se firmar e o consequente momento ideal de lançar suas tarrafas. Em contrapartida, pescadores menos experientes jogam suas tarrafas “em qualquer respirada que o boto dá”. Segundo relata Maurino:

*“Antes, esses botos grandes né, quando o boto mostrava nós esperava, ele dava uma amostrada, dava duas e nós ficava esperando o tempo do boto, né. Pô, ele tá mostrando, a tainha tá aqui, do meio dele pra frente. Entendeu? Pra botar uma pra matar né. Hoje o boto mostra e tu já tem que botar né. Se tu não botar o outro [pescador] bota. Daí tu já bota sempre enforcado né. Ah mas o fulano ali é*

---

<sup>8</sup> Todas as informações contidas nesse trecho são fruto exclusivo do relato dos pescadores da Barra de Tramandaí.

*ruim, mas cada vez que o boto mostra pra ti já tem duas trêz do teu lado, né. Te apertando. Daí se tu não botar deu, daí tu bota”.*

Como a relação cooperativa entre botos e pescadores trata-se de um saber coletivo, aprendido e ensinado entre todos os presentes na relação, se um dos atores não aprender a pescar em parceria, a própria parceria estará em risco. Os pescadores explicam que quando as fêmeas entram no Canal da Barra com seus filhotes, ensinando-os a pescar, elas dão suas “cabeçadas” mostrando aos filhotes como reproduzir o comportamento. Quando seus filhotes reproduzem o movimento de cabeça, os pescadores amigos dos botos<sup>9</sup>, lançam suas tarrafas no espaço que está sendo demarcado pelo filhote de boto – mesmo sabendo que não há cardumes ali – para que o filhote entenda que ao bater sua cabeça o pescador jogará sua tarrafa em consequência. Ou seja, é um aprendizado conjunto pois o filhote está descobrindo como cooperar com o pescador e se beneficiar dessa cooperação, adquirindo algumas tainhas do cardume apreendido. Além disso, o pescador está incentivando o boto a manter viva a parceria e aprendendo a pescar com o filhote.

Portanto, quando os pescadores defendem que é preciso esperar “o boto firmar a batida”, eles estão intrinsecamente defendendo que os botos aprendam e desenvolvam um melhor cerco dos cardumes de peixe, pois é aí que o nível de precisão da pesca é traçado e ambos os envolvidos são beneficiados. Sendo assim, estimular pescadores recentemente vinculados à pesca cooperativa, a entenderem a importância desses processos de aprendizagem, em que os botos precisam ser também estimulados a darem suas cabeçadas em momentos de favorável cerco dos cardumes é uma das frentes de essencial manutenção, para preservação da pesca cooperativa.

São experiências portadoras de significações, que repercutem em toda a visão de cada pescador sobre a paisagem que ele pratica e sobre as afetividades que esse espaço desperta e alimenta, pois, o afeto presente na

---

<sup>9</sup> Categoria estipulada pelo Projeto Botos da Barra para inscrever e, conseqüentemente, estreitar relações com os pescadores que historicamente pescam com os Botos da Barra.

relação boto-pescador se renova com o nascimento de novos filhotes, e é evidenciado quando algum boto vem a falecer. A seguir, apresentaremos a imagem de Ayrton - pescador artesanal referência na Pesca Cooperativa, um exímio conhecedor dos botos, que desempenhou sua trajetória de vida sempre pescando com esses animais e inclusive atuou, em muitos momentos, como difusor da prática, auxiliando o Projeto Botos da Barra com seus conhecimentos e experiências junto aos botos. Ayrton faleceu no presente ano, pouco antes de nos conceder seus relatos. Apresentamos a imagem mostrando o pescador Ayrton ao lado do boto Lobisomem, onde o pescador leva seu filho para despedir-se do animal que foi encontrado morto na praia em 2005. Talvez com uma imagem, o grau de afetividade estabelecido entre homem e animal possa ser compreendido. Se faz importante ressaltar o fator afetivo da relação cooperativa protagonizada por estes atores, pois esta afetividade está também intimamente relacionada a como esses pescadores se apropriam da paisagem, quando a leem e a vivem.



Figura 4: Ayrton, pescador amigo do boto, e seu filho se despedindo do boto Lobisomem. Foto: Ignacio Moreno

### **3.2 A parte - pescadores e botos**

#### **3.2.1 “Só no respirar o cara sabe, ó, lá vem o Coquinho!”**

Dentro dos métodos usualmente difundidos nos estudos de Biologia

Animal para identificação de indivíduos, a foto-identificação foi desenvolvida por Wursig & Wursig (1977) como técnica para registrar marcas naturais presentes nos animais. Em cetáceos, sabe-se que marcas comumente encontradas são adquiridas por interações intra ou interespecíficas com outros animais, ou ainda, por ações antrópicas como emalhe em redes de pesca, ou colisão com embarcações (LIEN; KATONA, 1990; PIERRY, 2017). A técnica de foto identificação é amplamente utilizada, não apenas em golfinhos e baleias, mas também, por exemplo, como método de reconhecimento individual para sapos do gênero *Melanophryniscus* (Anura, Bufonidade), onde os padrões de manchas na região ventral desses animais são instrumento de individualização dos mesmos, o que possibilita, dentre outros estudos, as análises de tamanho populacional (CAORSI, et al., 2012).

Um estudo realizado por Tabajara (1992) foto identificou todos os botos da Barra que pescavam junto aos pescadores na época. O pesquisador coletou informações ecológicas e morfológicas dos animais através de depoimentos prestados pelos pescadores artesanais de tarrafa, a partir de entrevistas. Concomitante a realização das entrevistas, a identificação fotográfica dos botos através das marcas naturais presentes em suas nadadeiras dorsais, possibilitou uma estimativa da população residente na Barra à época. Dentre os pescadores consultados pelo estudo do autor para fornecimento de suas identificações individuais dos botos, seus parceiros de pescaria, um deles também prestou seus depoimentos ao presente estudo, Maurino, o pescador anteriormente citado como referência na arte de “correr com os botos”.

Ao longo dos anos, os esforços de amostragem do Projeto Botos da Barra criaram um extenso banco de dados com identificação fotográfica de cada um dos botos parte da pesca cooperativa. Durante a construção do banco de dados, a concomitante identificação individual dos botos, prestada pelos pescadores artesanais, permitiu que o conhecimento despreendido pelos trabalhadores da pesca fosse corroborado pelo registro foto identificado, uma vez que, fotos e relatos sempre identificaram os mesmos indivíduos. Santos (2016), foto-identificou dezesseis indivíduos de botos residentes na Barra, em diferentes padrões de ocorrência e comumente forrageando junto aos

pescadores. A partir desta premissa, nosso trabalho buscou focar seus esforços em uma forma específica de reconhecimento, o desempenhado por quem convive diariamente com os botos, os pescadores artesanais de tarrafa.

Os pescadores dependem do desempenho dos botos no Canal da Barra para adquirirem seu alimento e fonte de renda, e com isso observam cotidianamente todos os detalhes desses animais. As formas como o boto nada:

*“Morro d’água é uma onda que ele levanta. Ele faz uma onda assim, parece que tá faltando água pra ele. Daí quando tem um cardumão de peixe, que ele dá um pulão e sai todo da água, a gente bota a tarrafa”.*

A maneira como respira, como interage com outros botos “*caldeirão*<sup>10</sup> é boto de mar. Os botos da Barra têm medo deles”. Como estes animais se movimentam dentro do Canal da Barra, “*depois que dragou a lagoa o boto parou de cruzar a ponte*<sup>11</sup>”. A forma com que eles cercam os cardumes de tainha e os sinalizam aos pescadores: “*eu sei que tem peixe quando o boto vem de lado. Quando ele nada reto assim, tá só de passagem. Mas virou de lado, galha pro lado, é sinal de que tem peixe*”. Ou, ainda, como o animal desempenha sua “cabeçada” que parece com um cumprimentar do boto para com o pescador (SIMÕES-LOPES et al., 1998; TABAJARA, 1992). Além disso, suas maneiras de brincar dentro do estuário, de nadar com seus filhotes e ensinar a eles como pescar e se alimentar também são observações rotineiras realizadas pelos pescadores, ou seja, os saberes são muitos, com uma riqueza de detalhes e consequente grau de especificidade. Saberes cotidianos, que são construídos a partir do convívio diário com os vários elementos que constituem as paisagens da Barra.

Aqui, apresentaremos relatos desses pescadores, sobre como eles reconhecem os botos da Barra buscando demonstrar ao leitor que o

<sup>10</sup> Embora diversos trabalhos façam referência sobre o “caldeirão” representar distintos animais, aqui entendemos a menção do pescador como referência aos golfinhos da espécie *Tursiops truncatus*

<sup>11</sup> Referência à ponte Giusepe Garibaldi, que divide os municípios de Imbé e Tramandaí, passando em cima do Canal da Barra.

reconhecimento não é definido por caracteres taxonômicos, mas por um “jeitão” que cada boto apresenta. Esse jeito está tão intrínseco às práticas cotidianas desses pescadores, que quando convidados a descrever os botos, suas definições expressam:

**Geraldona:** “*é a melhor bota, a mais sincera! Ela só mostra quando tem [peixe] mesmo*”.

Observação: Geraldona é filha da Manchada e irmã, ou filha, de Lobisomem, segundo relatos dos pescadores.

**Catatau:** “*tem a galha cortada né, não é a mesma que a Geraldona né, é parecida*”.

**Rubinha:** “*a Rubinha é filhota da Geraldona*”; “*Esse filhotão que tá aí, tem vários filhotão que é da Rubinha, né. Os filhotão tudo que tem aqui é da Rubinha e da Geraldona*”.

**Chiquinho:**

*“Chiquinho é um boto macho aí, que tu já vê de longe, ele tem a galha mais comprida, ele tem uma mancha branca na galha, assim, marcada na frente. Tu olha de longe e já sabe aparece o branco da galha dele: oh, lá vem o Chiquinho!”*

**Coquinho:** “*tem uma mancha na cabeça*”. Considerado “*o boto mais pretinho*” a entrar no Canal da Barra. “*O Coquinho sempre foi pretinho, assim, né, mais escurinho*”.

Observação: Coquinho é reconhecidamente filho da Galhamol. E os pescadores apontam: “*Coquinho mostra o peixe igual ao Lobisomem, o areião que ele arrasta [que no entendimento da autora seria o revolvimento de areia do fundo da lagoa], certo que é filho dele*”. Além disso, “*Coquinho é o boto mais velho que entra na Barra. Pergunta pro Zorelha, pro Pedro Alcides. Eles pescam aqui há uns 36 anos e desde lá Coquinho é visto*”.

**Bagrinho:** “*do lado da barriga dele, assim, ele tem uma manchinha né, parece que quando era pequenininho, assim, foi passado o dedo e ficou aquela*

*mancha assim né, tipo um risco de dedo assim, na barriga dele”.*

Observação: Bagrinho é filho da Manchada. Segundo Maurino, sabe-se que Manchada é sua mãe pois eles eram vistos juntos na Barra. Além disso, ele ainda aponta:

*“Inclusive tem esse boto Bagrinho né, essa semana até tava olhando, só no meio do rio, assim, né, ele até parece que seja filho do tal de boto Chita, né?! É o mesmo jeito”.*

### 3.2.2 Sobre os botos que já faleceram

#### **Chita:**

*“O boto Chita naquele tempo que eu comecei a pescar, ele dava aqueles vazantão<sup>12</sup>, e ele ficava sempre no meio do rio, né. E esse boto Chita era filhote da Manchada.*

#### **Galhamol:**

*“a Galhamol quando mostrava, assim, ela tinha a bardinha<sup>13</sup> do olho que corria pra um lado e pro outro né. E o cara sabia se o peixe tava na frente ou atrás, né”.  
“Galhamol é a mãe da Geraldona, e uma vez morreu o filhote dela e ela entrou na Barra mostrando o filhote. Jogava pra cima e mostrava que tava morto”.*

**Barata:** *“trabalhava muito também! Trabalhava pegando Savelha”.*

---

<sup>12</sup> Maré vazante: fase de descida lenta do nível do mar e de outros corpos de água ligados ao oceano (estuários, por exemplo) correspondente à transição de maré cheia para maré vazia. Nesta fase estabelecem-se correntes de maré dirigidas do continente para o oceano (Glossary Journal of Integrated Coastal Zone Management). “Vazantão” entendemos ser um fluxo mais intenso de descida de água do estuário para o mar.

<sup>13</sup> “Barda e olho” nesse contexto, entendemos fazer referência a pupila do animal que desloca seus olhos, conforme os movimentos do corpo do animal durante a pesca.

**Pomba:**

*“era um botão grande, corpulento!”; “O Pomba, ele não era um boto que a gente via regularmente na Barra. Ele ficou um boto muito grande e muito velho. Ele entrava, mostrava duas ou três, e ficava passeando aí. E os boto pequeno, os filhote, iam brincar com ele, ele se envaretava<sup>14</sup> e ia embora”.*

**Galhafina:** *“nossa, era um boto bem lisinho, né. Era um machão, né! A galha dele assim, era mais fina que a do Chiquinho né, chegava a ser vorteada. Bitudona assim, né”.*

Mesmo com um período considerável realizando nossas observações participantes na Barra, e sempre propondo aos pescadores a pergunta: “quem está aí hoje? Mas como tu reconhece, como sabe que é ela?” Obtivemos poucas respostas descritivas e trechos precisos com informações palpáveis e determinantes, pois, embora, alguns pescadores reconheçam e saibam quem é quem dentre os botos, eles aparentam ter alguma dificuldade em descrever ou evocar as características que utilizam para isso. A partir do exposto, gostaríamos de propor a analogia: quando chegamos à Barra para iniciar nossos estudos não conhecíamos nenhum dos pescadores amigos dos botos. Conforme fomos frequentando o espaço, pesquisadora e parceiros do Projeto Botos da Barra, as silhuetas e trejeitos dos pescadores que observávamos foi definindo-se, ganhando suas especificações. Após um mês de visitas frequentes à Barra já os reconhecíamos de longe, eles estando dentro do mar, ou de costas, com água até a cintura, ou com várias camadas de roupas nos dias frios. Portanto, o cotidiano possibilita o reconhecimento, é ele quem faz os pescadores lerem cada um dos jeitos dos botos que pescam na Barra, pois assim como os pescadores, os animais também possuem suas silhuetas, ou “seu jeitão”, definidos com o passar do tempo, sob diagnóstico de quem os observa

---

<sup>14</sup> Aborrecer, sacanear, enraivecer (Dicionário Informal)



Seguindo nessa perspectiva gostaríamos de convidar o leitor a pensar em um espaço hipotético com animais idênticos entre si, mesma cor de pele e pelos, corpos com tamanho semelhante e toda uma morfologia correlata. Animais praticando os mesmos hábitos e sendo observados por nós. Será que seríamos capazes de descrever perfeitamente como diferenciar esses animais quiméricos? Será que teríamos instrumentos descritivos, técnicas e códigos para definir padrões dentro de uma população animal? Assim são os botos, animais muito semelhantes entre si, mas individualizáveis. É como defende Maurino:

*“É, no estilo dele, que ele sai pra respirar. É que nem no caminhar né, ó, ali, caminhando é o fulano. Assim é o boto né, a mesma coisa. O cara tá ali, ó, ali vem o Coquinho, porque daí já sabe como é que ele já vem vindo”.*

Na formação em Ciências Biológicas, por exemplo, são oferecidos constantes treinamentos para fazer descrições. De pétalas e sépalas nas aulas de Botânica, dos padrões fisiológicos encontrados em ratos sob efeito de uma droga, de morfologias de animais, como o número de patas, aspecto da pele dos anfíbios, formato das escamas dos répteis, tipos de penas das aves e vários outros exemplos. Nós somos apresentados a possibilidades descritivas, os instrumentos nos são dados. Certamente, com este acúmulo, além do auxílio de instrumentos de apoio, como câmeras e binóculos para buscar marcas individuais presentes nos animais, acadêmicos treinados são capazes de reconhecer individualmente animais silvestres, suas particularidades taxonômicas e comportamentais. Fato que não invalida o reconhecimento desenvolvido por esses pescadores, quando entendemos que ele é da ordem do sensível e não pode ser expresso por um método cartesiano<sup>15</sup> pois não poder ser fragmentado (GRUN, 2007).

A partir desse pressuposto e corroborando Santos (2005) quando propõe que "civilizar" a ciência e "cientificar" a cidadania são condições para potenciar

---

<sup>15</sup> Método quantitativo proposto por René Descartes (1637) que defende que só existe aquilo que pode ser provado.

uma ciência menos arrogante e uma cidadania mais democrática” (SANTOS, 2005 página 137), defendemos que os pescadores que nos propusemos a interagir e observar têm seus olhares treinados para outras percepções. É como aponta MARQUES (2017) quando descreve uma conversa com Valdomiro, um importante nome dentre os pescadores Amigos dos Botos:

Em uma das ocasiões em que eu acompanhava os pescadores interagindo com os botos, registrando as sequências em vídeo, dois destes destacavam-se nas idas e vindas pela Barra, emergindo e submergindo nas águas do rio. Em uma de suas pausas, Valdomiro me conta que Geraldona estava ensinando seu filhote a pescar. Ele ainda não tinha sido nomeado. Valdomiro me pede para avisar Ignacio (prof. do Ceclimar/ UFRGS) que o boto estava sendo batizado, ganhando o nome de Ligeirinho. E apontou: a Geraldona está aqui, mas não mostra o cardume. Só quem mostra é o filhote. Ela o estava ensinando a pescar, em conjunto com o pescador.

Os pescadores instrumentalizam suas formas de reconhecer os botos, – mesmo que muitas vezes de forma não racionalizada, por trata-se de uma prática diariamente desempenhada por eles e, portanto, habitual – através da atribuição de personalidade a estes animais. Como se cada boto se apresentasse a essa comunidade a seu próprio estilo, ao entrar na Barra para buscar alimento, ao nadar, ao cuidar de seus filhotes. Defendemos que esse processo de individualização dos animais e consequente reconhecimento de cada um dos botos da Barra se dá, pois, a relação entre pescador e golfinho apresenta vasta intimidade, o que culmina em os detalhes nos comportamentos dos animais serem constantemente rememorados a cada atividade de pesca compartilhada por esses atores. Estes trabalhadores diferenciam os golfinhos por seus jeitos individuais e apreendem o reconhecimento em suas memórias através da convivência.

### 3.2.2 “Coquinho tem tudo pra ser fêmea”

Como formas de traçar dimorfismo sexual nos botos da Barra, os pescadores artesanais nos apresentam alguns modos de observação e determinação dos sexos biológicos dos animais: *“na galha né, que a do macho é mais pontudo né, e da fêmea é mais redonda assim né, ela tem essa linha de cima assim formada pra ficar redonda né. É o que a gente acha assim né, entendeu?”*

Há uma proposição, defendida por todos os pescadores com quem conversamos, de que Coquinho é uma fêmea. Ele/ela nunca foi visto com filhote na Barra, todavia, *“Coquinho tem uma paciência pra trabalhar o peixe”*. O que, para os pescadores, é categorizado como uma característica feminina. Segundo Gilson:

*“Eu já falei pra vocês que tem diferença entre o jeito do boto macho nadar e da fêmea nadar. Ainda mais quando tá com filhote. O macho anda a duzentos por hora, isso aí é fato, e tudo eles fazem. Agora as fêmeas já são mais tranquilas, pode ver que quando eles tão brincando, assim pulando um em cima do outro, tu pode ver que cinquenta vez o boto machinho vai pular pra tudo quanto é lado, agora a fêmea uma vez só.”*

Não vamos nos ater a discutir questões de gênero intrínsecas a esse conceito de nado mais tranquilo nas fêmeas, definido/observado por eles, pois acreditamos que foge ao nosso escopo. Todavia, os apresentamos apenas com o intuito de compartilhar com o leitor as formas traçadas por estes interlocutores para perceber o dimorfismo sexual dos cetáceos que quando observados sobre a lente do método científico praticamente não encontra elementos morfológicos para definir a diferença externa entre os sexos em animais de vida livre (Ignacio Moreno, comunicação pessoal).

Outra forma de reconhecimento de sexo observada pelos pescadores

trata-se da cor dos animais, pois segundo eles os botos mais escuros são machos e os mais claros são fêmeas. “*Eu acho que a botinha da Rubinha ela é feminina. Eu desconfio. Porque ela é bem cinzinha, bem bonitinha, chega a brilhar*”. Todavia, esse método observacional não é corroborado por todos os pescadores, outros, como Maurino, relatam que cor é algo muito relativo e para ele os métodos anteriormente descritos (os formatos das nadadeiras dorsais) falam muito mais a quem olha.

### 3.3 O conjunto - Conhecimento tradicional

*“Pescador pra tu saber que é pescador, ter certeza que é pescador, tu chega na casa dele e abre a estante, o que é que tem, né? Que nem aqui né, aqui embaixo aqui né, minhas garrafa térmica de praia, corda, o pano que eu boto aqui no piso pra trabalhar no remendo né, é sacola de linha de tarrafa ó, é assim, né. Casa de pescador, pode ver linha ali, tarrafa”.*

Cada pescador reconhece os botos da Barra, com uma leitura particular sobre eles, exercida com um conjunto próprio e específico de atributos relevantes ao seu olhar, que se diferenciam dos relevantes ao olhar outro, mas que se unificam quando todos os pescadores reconhecem os mesmos botos. Independente dos caracteres relevados por eles no reconhecimento todos sabem que Coquinho está entrando no Canal da Barra. São saberes que partilham aprendizados, quando se constroem de forma coletiva, que na impossibilidade de se traçar uma linha morfológica ou comportamental para narrar o reconhecimento individual, ele se mostra nas diferenças que unificam os olhares desses pescadores artesanais sobre os botos.

É através da ideia acima que entendemos “conhecimento tradicional”, uma vez que ele não se faz somente a partir de repasse cultural entre gerações, pois é pautado por aprendizados prévios, obviamente, mas ele também se constrói sobre bases muito individuais de cada pescador artesanal (percepções acuradas, válidas e reconhecidas, mas diferentes), sendo aprendidos por eles nas suas práticas cotidianas na Barra. Ou seja, o conhecimento dito tradicional

está em constante modelagem e remodelagem, é dinâmico. Como aponta Dooren (2018) quando defende que os diferentes modos de imersão atenta dão existência a distintos mundos, as individualidades dos pescadores artesanais da Barra constroem a unidade dinâmica e coletiva a que eles fazem parte. Saberes outros, unificados por um mesmo espaço social habitado com os não humanos. Um caráter interessante é que a troca de ensinamentos é dotada de extrema humildade, pois eles em nenhum momento assumem que já sabem de tudo, pelo contrário, permitem que o ambiente os auxilie constantemente em como pescarem melhor e interajam de melhor forma com os botos da Barra.

Quando Maurino propõe “*esse filhote aí, da Geraldona, ainda tá pequeno, mas dezembro, final do ano ali, ele já tá trabalhando*”, percebemos um senso de coletividade, de relação de trabalho, da relação de sustento presentes na Barra. Percebemos a afetividade intrínseca à declaração quando há o senso de confiança, de que a parceria se manterá e em um fluxo constante de aprendizagem conjunta, eles trabalharão juntos. A relação estabelecida entre homem e animal configura uma relação de trabalho. É impressionante como, com a chegada do boto no Canal da Barra, a atmosfera do lugar é alterada, tomada de tensão e espera. Se todos os pescadores estão sentados fora d’água, em minutos eles abraçam suas tarrafas e dispõem-se na beirada do canal, iniciando a atividade de pesca.

As regiões costeiras da Mauritânia–África; do Myanmar e da Índia-Ásia; da Austrália-Oceania, além da costa das Américas, são exemplos de regiões onde a interação de forrageio entre humanos e não humanos acontece e é particularmente protagonizadas por humanos e golfinhos. (SIMÕES-LOPES, 1991; SMITH et al., 2009; KUMAR et al., 2012). Porém, em nenhuma dessas localidades, assim como em nenhuma busca bibliográfica feita pela autora, com o intuito de encontrar uma relação semelhante, percebe-se que humanos dão nomes a animais silvestres e interagem com eles cotidianamente referindo-se a eles através dessas nomeações, encontramos certa sinonímia à pesca que acontece em Laguna e em Tramandaí. A Pesca Cooperativa é composta de habilidades complementares, de conteúdos e substâncias que somadas constroem as relações presentes nas paisagens que aqui buscamos descrever.

Advindo de tal singularidade, o Projeto de Lei 0112/2017 considera Patrimônio Cultural de natureza imaterial, a pesca profissional artesanal no município de Tramandaí. Segundo a Lista Vermelha de espécies ameaçadas do Rio Grande do Sul<sup>16</sup>, formulada em 2014 a partir dos critérios de ameaça propostos pela IUCN<sup>17</sup>, *Tursiops gephyreus* foi avaliada como *vulnerável* devido à alta fragmentação de hábitat unido ao crescente grau de antropização das regiões costeiras do estado (WICKERT, 2016). A partir do exposto, fica clara a necessidade de se traçar estratégias de conservação para os botos da Barra, bem como para a pesca cooperativa, que além de fidelizar estes animais ao espaço que comumente é compartilhado por eles e os pescadores na pesca, é um instrumento para que turistas e viajantes conheçam esta interação entre humanos e não humanos, pois ela pode ser facilmente observada das margens de Imbé ou Tramandaí, e talvez ao observar seja possível entender a importância de ambos os atores na manutenção da mesma.

Por este motivo, segregamos nossas discussões nas três categorias propostas por Collot (1990) para se perceber a paisagem, uma vez que, *o ponto de vista* aporta a singularidade da pesca cooperativa, sendo esta uma prática de subsistência abarcada por múltiplos afetos. *A parte* atua como a possibilidade de conhecer os dois atores que compõe essa dinâmica, pescadores e botos, para entender o exótico dessa interação. E *o conjunto* enlaça as categorias anteriores, quando através do conhecimento tradicional, aliado ao conhecimento praticado na individualidade de cada pescador, a pesca, os botos e os pescadores são retratados sob a ótica da construção de uma identidade. A pesca cooperativa faz com que as vidas desses pescadores sejam intensamente influenciadas por esses botos, tanto é que os pescadores reconhecem e nomeiam estes animais. Ou seja, perpetuar a conservação de uma das categorias que citamos (*o ponto de vista, a parte e o conjunto*) é conservar toda a prática cooperativa presente na Barra, pois todas formam um só todo, uma só convergência, dotada de vasto aporte histórico, social e ambiental.

---

<sup>16</sup> Proposta pela Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

<sup>17</sup> União Internacional para a Conservação da Natureza.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental.** Resolução No 2, junho de 2012. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 2/2012. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1 p.70. 2012.
- CABRAL, L. O. **A paisagem enquanto fenômeno vivido.** Geosul, v. 15, n. 30, p. 3445, 2000.
- CAMARGO, Y. R. R. **A percepção ambiental dos usuários da barra do Rio Tramandaí sobre o boto-da-barra, *Tursiops sp.* (Cetartiodactyla: Delphinidae).** 2014. 45 (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- CAORSI, V. Z.; SANTOS, R. R.; GRANT, T. **Clip or snap? An Evaluation of ToeClipping and Photo-Identification Methods for Identifying Individual Southern Red-Bellied Toads, *Melanophryniscus cambaraensis*.** South American Journal of Herpetology, v. 2, n. 7, p. 79-84. 2012.
- CASTRO, D. de; MELLO, R. SP. **Atlas ambiental da bacia hidrográfica do Rio Tramandaí.** Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.
- CATÃO, B. & BARBOSA, G. C. **“Good dolphins”, fishes and fishermen: about the conjoint fishing in Laguna (Santa Catarina, Brazil).** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, p. 205-225, 2018.
- COLLOT, M. **Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens.** Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v.20, n.39, p.22- 31, 1990.
- CONNOR, R. C., Heithaus, M. P., Berggren, P. & Miksis, J. L. **“Kerplunking”: surface fluke-splashes during shallow water bottom foraging by bottlenose dolphins.** Marine Mammal Science, 16: 646-653. 2000.
- DA SILVA, A. F.; TOLDO JR, E. E.; WESCHENFELDER, J. **Morfodinâmica da desembocadura da Lagoa de Tramandaí (RS, Brasil).** Pesquisas em Geociências, v. 44, n. 1, p. 155-166.
- DA SILVEIRA, F. L. A. **As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica.** ILUMINURAS, v. 17, n. 42, 2016.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1.** Artes de fazer, v. 16, 1994.

- DI GIACOMO, A.; OTT, P. **Long-term site fidelity and residency patterns of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Tramandaí Estuary, southern Brazil.** Latin American Journal of Aquatic Mammals, v. 11, n. 1-2, p. 155-161, 2017.
- DIEGUES, A. C. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** 2000.
- DILLENBURG, S. R. et al. **Modificações de longo período da linha de costa das barreiras costeiras do Rio Grande do Sul.** Gravel, v. 3, n. 1, p. 4-9, 2005.
- DOS SANTOS, M. E. V. M. **Cidadania, conhecimento, ciência e educação CTS: Rumo a "novas" dimensões epistemológicas.** CTS: Revista iberoamericana de ciencia, tecnología y sociedad, v. 2, n. 6, p. 137-157, 2005.
- DREW, Joshua A. **Use of traditional ecological knowledge in marine conservation.** Conservation biology, v. 19, n. 4, p. 1286-1293, 2005.
- GIACOMO, A. B. **Análise do padrão de ocupação dos botos, *Tursiops truncatus* (Montagu, 1821), no estuário de Tramandaí, sul do Brasil, a partir do estudo de fotoidentificação.** 2010. 32 (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, Rio Grande do Sul.
- GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental.** Papyrus Editora, 2007.
- GUINET, C. **Intentional stranding apprenticeship and social play in killer whales (*Orcinus orca*).** Canadian Journal of Zoology, 69: 2712-2716. 1991
- HAIMOVICI, M. et al. **Diagnóstico da pesca no litoral do estado do Rio Grande do Sul.** A pesca marinha e estuarina do Brasil do início do século XXI: recursos, tecnologias, aspectos socioeconômicos e institucionais, p. 157-180, 2006.
- HARAYASHIKI, C.A.Y.; FURLAN, F.M.; VIEIRAJ.P. **Perfil sócio-econômico dos pescadores da Ponte dos Franceses, Rio Grande, RS, Brasil.** Boletim do Instituto da Pesca. São Paulo, 37(1): 93 – 101p. 2011.
- HOELZEL, A. R. **Killer whale predation on marine mammals at Punta Norte, Argentina: food sharing, provisioning and foraging strategy.** Behavioral Ecology and Sociobiology, 29: 197-204. 1991.
- ILHA E.B., SERPA N.B., SANTOS P.G.F., HEISSLER V.L., DORNELES D.R., CAMARGO Y.R., SANTOS B., RIGON C.T., SANTOS M.L., GASS C.M., CALABREZI R., KINDEL E.A.I., MORENO I.B.. 2018. **Guia de apoio pedagógico para educadores: interação entre pescadores, botos e**



- tainhas: aprendizados sobre cooperação, tradição e cultura.** Editora UFRGS. Porto Alegre, 90 p.
- ILHA, E. B. **Pescadores e botos: histórias de uma conexão em rede.** 2016. 92 (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- KUMAR, A. B., Smrithy, R. & Sathasivam, K. **Dolphin assisted cast net fishery in the Ashtamudi Estuary, southwest coast of India.** Indian Journal of fisheries 59: 143-148. 2012,
- LALAND, K. N. & Galef, B. G. **The question of animal culture.** Harvard University Press, Cambridge and Massachusetts. 2009.
- LE MOS, V. M., VARELA Jr, A. S., SCHWINGEL, P. R., MUELBERT, J. H., & VIEIRA, J. P. **Migration and reproductive biology of *Mugil liza* (Teleostei: Mugilidae) in south Brazil.** Journal of Fish Biology, 85(3), 671-687. 2014.
- LIEN, J.; KATONA, S. K. **A guide to the photographic identification of individual whales based on their natural and acquired markings.** Breakwater Books Limited, 1990.
- LOPES, R. C. **A pesca artesanal da tainha *Mugil liza* na Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil: um enfoque etnoictológico.** 2014. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE.
- MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Pacific.** New York, Holt, Reinhart and Winston, 1922.
- MANN, J. & SARGEANT, B. L. **Like mother, like calf: the ontogeny of foraging traditions in wild Indian Ocean bottlenose dolphins (*Tursiops* sp.).** In D. M. Fragaszy & S. Perry (eds). The biology of traditions: models and evidence, 236-266. Cambridge University Press, Cambridge. 2003.
- MARQUES, O. R. **A Barra Do Rio Tramandaí a partir dos olhos dos Pescadores Artesanais.** RAM- Reunión de Antropología del Mercosur. GT nº 26: Identidades Urbanas, Lugares e Memórias. 16ps. 2017.
- MEDEIROS, R. P. et al. **Estratégias de pesca e usos dos recursos em uma comunidade de pescadores artesanais da praia do Pântano do Sul (Florianópolis, Santa Catarina).** 2001.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p. Saúde em debate, v. 46, 2001.

- MONTEIRO, D. S. **Encalhes e interação de tartarugas marinhas com a pesca no litoral do Rio Grande do Sul.** Monografia (Graduação em Biologia). Universidade Federal do Rio Grande. 63f, 2004.
- PEREIRA, R.C. 2002. **Nécton marinho.** in: **Soares-Gomes, A.(org.)** Biologia Marinha. Inter ciência, Rio de Janeiro, cap.9. 158-193p.
- PETERSON, D.; HANAZAKI, N.; SIMÕES-LOPES, P. C. **Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphin (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil.** Ocean & Coastal Management, Augustinusga, v. 51, n.6, p. 469- 475, 2008.
- PIOLA, A.R.; MATANO, R.P.; PALMA, E.D.; MOLLER, O.O.; CAMPOS, E.J. **The influence of the Plata River discharge on the western South Atlantic shelf.** **Geophysical Research Letters**, v. 32, p. L01603, 2005.
- PIZZORNO, J. L. A. **Estimativa populacional do boto-cinza, *Sotalia fluviatilis*, na Baía de Guanabara, por meio de catálogo de foto-identificação.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- POLIT, D. F.; BECK, CherylTatano; HUNGLER, B. P. **Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Porto Alegre: Artmed, 201p. 2004.
- PRYOR, K. & LINDBERGH, J. **A dolphin-human fishing cooperative in Brazil.** Marine Mammal Science, 6: 77-82. 1990.
- RENDELL, L. E. & WHITEHEAD, H. **Culture in whales and dolphins.** **Behavioral and brain sciences**, 24: 309-324. 2001.
- RICE, D. W. **Marine mammals of the World: Systematics and Distribution** Lawrence, KS: The Society Marine Mammalogy 231.1998
- RONAI, M. Paysages. **Hérodote: Revue de géopolitique de l'agriculture**, n. 1, p. 125-159, 1976.
- ROSSBACK, K. & Herzing, D. L. **Underwater observations of benthic-feeding bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) near Grand Bahama Island, Bahamas.** Marine Mammal Science, 13: 498-504. 1997.
- SANTOS, B. **Identificação dos indivíduos da população de golfinhos do gênero *Tursiops* (Gervais 1855) no estuário do Rio Tramandaí, Rio Grande**

- do Sul. 2016. 31 (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, Rio Grande do Sul.
- SANTOS, L. G. **Quando o conhecimento tecnocientífico se torna predação hightteck: recursos genéticos e conhecimento tradicional no Brasil. Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SEELIGER, U. e C.S. Costa. **Impactos naturais e humanos.** In: U. Seeliger, C. Odebrecht e J.P. Castello (org.). Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul dos Brasil. pp. 219-226. Ecoscientia, Rio Grande, RS. 1998.
- SERPA, N. B. **Além das raízes culturais: as habilidades de caça de golfinhos cooperativos do sul do brasil.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2–**A pesquisa científica.** Métodos de pesquisa, v. 1, p. 32. 2009.
- SIMÕES-LOPES, P. C. **Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil.** *Biotemas*, v. 4, n. 2, p. 83-94, 1991.
- SIMÕES-LOPES, P. C.; FABIÁN, M. E.; MENEGHETI, João O. **Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on southern Brazil: a qualitative and quantitative approach.** *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 15, n. 3, p. 709-726, 1998.
- SMITH, B. D. et al. **Catch composition and conservation management of a human–dolphin cooperative cast-net fishery in the Ayeyarwady River, Myanmar.** *Biological Conservation*, v. 142, n. 5, p. 1042-1049, 2009.
- SPINELLI, L. H. P. et al. **Prey-transfer in the marine tucuxi dolphin, *Sotalia fluviatilis*, on the Brazilian coast.** *Marine Biodiversity Records*, v. 1, 2008.
- TABAJARA, L. **Aspectos da relação pescador-boto-tainha no estuário do Rio Tramandaí– RS.** Concurso Botos do rio Tramandaí: trabalhos premiados. Prefeitura municipal de Tramandaí, RS, BR. p.17-49. 1992.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.
- VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. **Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade.** Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom Cultura Científica* (online), Campinas, Incertezas, ano 3, n. 7, p. 39-66, dez.

2016. Disponível em: . Acesso em: 28 dez. 2017

VELHO, G. **Observando o familiar**. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46, 1978.

VIEIRA, J. P. & SCALABRIN, C. **Migração reprodutiva da "tainha" (*Mugil platanus* GUNTHER, 1980) no sul do Brasil**. *Atlântica*, 13:131-141. 1991.

VIEIRA, J. P.; GARCIA, A. M.; MORAES, L. **A assembleia de peixes. O Estuário da Lagoa dos Patos: um século de transformações**. FURG, Rio Grande, Brasil, p. 7988, 2010.

VIEIRA-SOBRINHO, J. P. **Distribuição, abundância e alimentação dos jovens de Mugilidae no estuário da Lagoa dos Patos, e movimentos reprodutivos da "tainha" *Mugil platanus* Günther, 1880 no litoral sul do Brasil**. Rio Grande, RS. 104p. Tese de Doutorado. Tese de Mestrado. Fundação do Rio Grande. 1985 WICKERT, J. C. Von Eye S.M., Oliveira L.R., Moreno I.B. **Revalidation of *Tursiops gephyreus* Lahille, 1908 (Cetartiodactyla: Delphinidae) from the southwestern Atlantic Ocean**. *Journal of Mammalogy*, v. 97, n. 6, p. 1728-1737, 2016.

WÜRDIG, N. L. & FREITAS, S. M. F. de. **Ecosistemas e biodiversidade do Litoral Norte do RS**. Porto Alegre: Nova Prova, p. 142-157, 2009.

WÜRSIG, B.; WÜRSIG, M. **The photographic determination of group size, composition, and stability of coastal porpoises (*Tursiops truncatus*)**. *Science*, v.

198, n. 4318, p. 755-756, 1977.

ZAPPES, C. A. et al. **'Human- dolphin (*Tursiops truncatus*, Montagu, 1821) cooperative fishery' and its influence on cast net fishing activities in Barra de Imbé/ Tramandaí, Southern Brazil**. *Ocean & Coastal Management*, v. 54 p. 427-432. 2011.

## 5. MATERIAIS ANEXOS:

O ponto de vista - Pesca cooperativa	A parte - Pescadores e Botos	O conjunto - Conhecimento tradicional
Tempo de pesca	Tu já deu nome pra algum boto?	Tu concorda com a afirmação: "se nadou de lado é peixe"?
Existe alguma hierarquia / prioridade de pescadores mais experientes na hora de de jogar a tarrafa?	Descreva o "jeitão" de cada boto	Boto tem época pra aparecer?
	Quais são os que tu reconhece? Que tu vê na Barra e sabe quem é?	Existe alguma condição ideal a pesca da tainha? Vento, temperatura, turbidez da água...?
	E tu acha que os botos te reconhecem?	Tu poderia nos dizer como chama os lugares da Barra? Como seria se tivesse que construir um mapa?